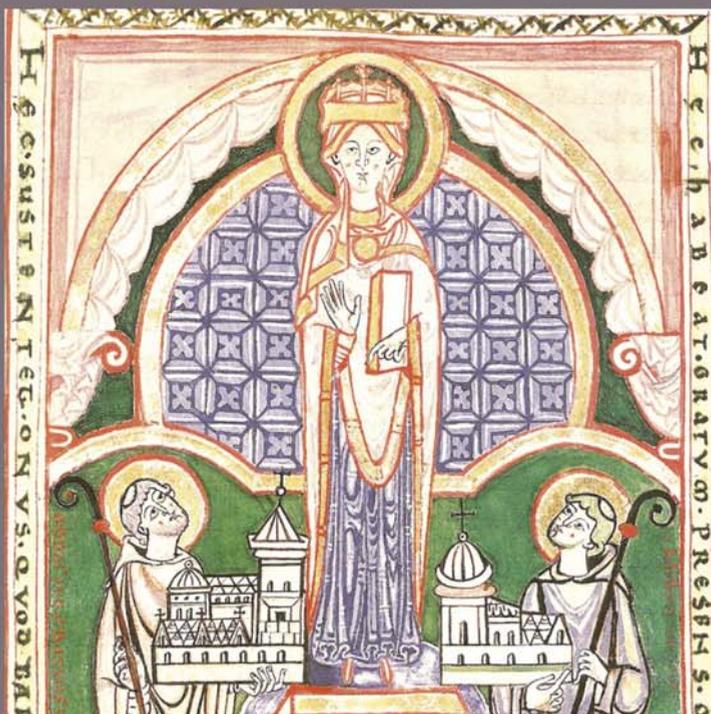


José Albuquerque Carreiras, António Valério Maduro
e Rui Rasquilho (coords.)



Cister

Tomo I

Património e Arte

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA
UNDE THE HIGHER PATRON OF THE
PRESIDENT OF THE PORTUGUESE REPUBLIC



Com o Alto Patrocínio da República

Cister

TOMO I

Património e Arte

COORDENAÇÃO

José Albuquerque Carreiras
António Valério Maduro
Rui Rasquilho

ALCOBAÇA
2019

Título: Cister. Tomo I – Património e Arte

Coordenação: José Albuquerque Carreiras, António Valério Maduro e Rui Rasquilho

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: História & Memória – 6

© AMA - Associação dos Amigos do Mosteiro de Alcobaça

Apoios:

Câmara Municipal de Alcobaça

Cooperativa Agrícola de Alcobaça

 **Hora de ler**

© para a produção

Hora de Ler, Unipessoal Lda.

Urbanização Vale da Cabrita

Rua Dr. Arnaldo Cardoso e Cunha, 37 - r/c Esq.

2410-270 LEIRIA - PORTUGAL

e-mail: horadelercf@gmail.com

Tlm: 966739440

Revisão e coordenação editorial: José Albuquerque Carreiras e António Valério Maduro

Montagem e concepção gráfica: Hora de ler

Impressão: Artipol

1.ª edição: Julho 2019

Edição N.º 1012/19

Depósito Legal: 458215/19

ISBN: 978-989-54473-8-1

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

MORFO-EVOLUÇÃO DE MOSTEIROS CISTERCIENSES FEMININOS: TRÊS CASOS DE ESTUDO – LISBOA, ÉVORA E PORTALEGRE (PORTUGAL)

MARIA DO CÉU SIMÕES TERENO*, MARÍZIA M. D. PEREIRA**
e MARIA FILOMENA M. MONTEIRO***

Introdução

O presente estudo pretende analisar três casas monásticas femininas da Ordem de Cister, cujas fundações se situam em locais muito diferenciados, com características urbanas distintas, todas situadas na região centro-sul do país. Uma nas proximidades do rio Tejo, o mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo em Lisboa (1653), a outra numa elevação da planície alentejana, o mosteiro de S. Bento de Cástris em Évora (1274) e em zona fronteiriça, na serra de São Mamede, o mosteiro de S. Bernardo em Portalegre (1518).

A carta mais antiga, na qual surgem as representações das cidades onde se encontram os mosteiros que serão alvo do presente estudo, é da autoria de Álvaro Seco e pertence à Biblioteca Nacional, sendo impressa no ano de 1561, em Roma. Nela, para além dos núcleos urbanos, constam as linhas de água, nomeadamente as que contribuíram para o abastecimento dos núcleos urbanos. As cidades foram representadas simbolicamente através de uma forma quadrangular preenchida densamente por edificações. Também se encontra expressa a importância que, em épocas de paz, assumia a localização rigorosa das cidades como de todos os aspetos considerados relevantes, nomeadamente relevo e rios (Fig. 1).

As especificidades dos mosteiros em apreço permitirão efetuar análises no desenvolvimento geomorfológico, através de documentação ícono-cartográfica, das zonas de implantação, assim como entender, através de um fio condutor temporal, as suas influências nas áreas adjacentes bem como os legados patrimoniais. Refira-se seguidamente planta de

* Escola de Artes, Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora

** Escola de Ciências e Tecnologia, Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Universidade de Évora

*** Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora

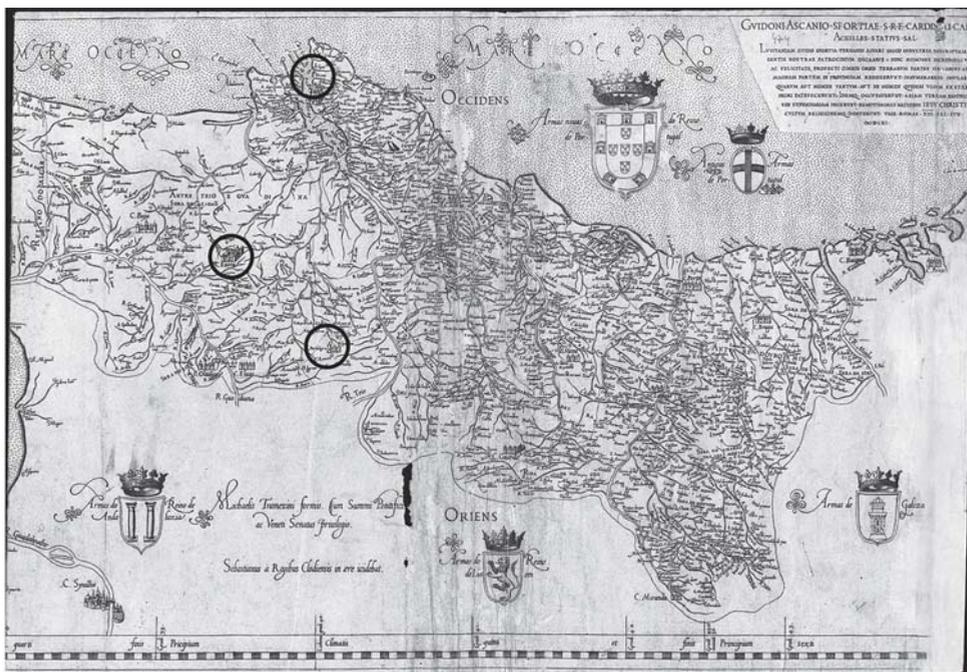


Fig. 1 – SECO, Fernando Álvares, ca 1559-1561 [Portugal] / Vernandi Alvari Secco; Sebastianus a Regibus Clodiensis in aere i[n]cidebat; Michaelis Tramezini formis, cum Summi Pontificis ac Veneti Senatus privilegio. Fonte: BNP.

Jaques Chiquet impressa em Paris no ano de 1704, com representação de parte da Península Ibérica, identificação das linhas de água com mais caudal, relevos e povoações portuguesas. De muito interesse a representação, embora estilizada, das três cidades onde se inserem os mosteiros em apreciação, Lisboa, Évora e Portalegre (Fig. 2).

1. S. Bento de Cástris (Évora, 1274)

1.1. Breves notas históricas

A cidade de Évora tem sido descrita ao longo do tempo das mais variadas formas. Na obra do Padre Antonio Carvalho da Costa, intitulada *Corografia Portuguesa*¹, esta

¹ COSTA, Pe. Antonio Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL. COM AS NOTICIAS DAS FUNDAÇOENS das Cidades, Villas, & Lugares, que contem; Varoens illuîtres, Genealogias das Familias nobres, fundaçoens de Conventos, Catálogos dos Bispos; antiguidades, maravilhas da natureza, edificios & outras curiosas observaçoens*. Tomo segundo, Lisboa, 1708. "...O Mosteiro de S. Bento de Freyras Bernardas dista tres quartos de legoa desta Cidade, & he muy observante, & nelle floreceram muitas Religiosas de virtude, a saber, D. Mecidade Tavora, D. Catherina Pires de Carvalho, D. Violante de Sousa, D. Leonor Correa, Briolanja da Ruda, Maria Bernardes, Kabel de

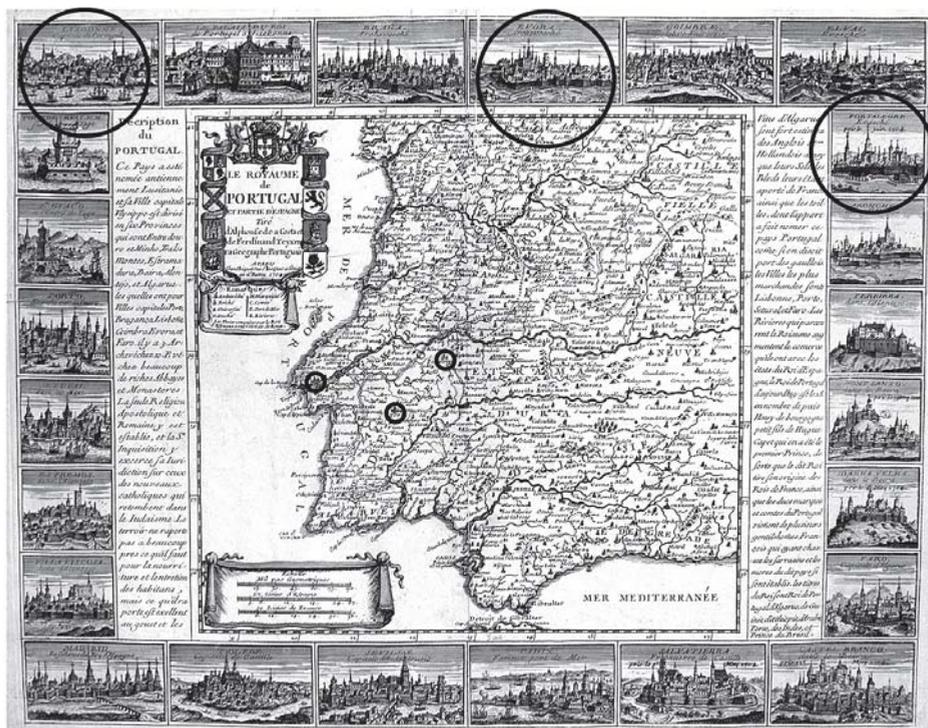


Fig. 2 – Uma representação de Jaques Cliquet, “Le royaume de Portugal et partie D’Espagne tire d’Alphonso de a Costa et de Ferdyxera Geographe Portuguais. A Paris chez Chiquet rue St. Jaques a l’Image de St. Remy”. Na cartela superior assinalam-se Lisboa e Évora, e na lateral direita Portalegre. Paris: 1704. Fonte: coleção N. Conde.

encontra-se narrada da seguinte forma: “... Na latitude de 38. gr. 30. min. & longitude de 13. gr. io. min. nove legoas ao Sueste de Aviz, no meyo da Província Transtagana està fundada a Cidade de Évora em hum lugar nam muito alto, mas superior a huma grande campina de terras fertilíssimas, cujo remate he quasi rodeado de todas as partes de motes muy distantes, ficando lhe da parte do Oriente, & Norte a celebrada ferra de Ossa, & da parte do Sul os montes de Portel, & Viana, aos quaes le legue a letra de Monte muro, & outros montes mais pequenos”. Mas a descrição não se restringe aos aspetos geográficos, estendendo-se a exposição à riqueza em cereal², pão, azeite, vinho, mármore e minas de prata.

Aguiar, & Antónia Nunes, que foy grande musica, & muy destra em todo o genero de instrumentos, & por estas partes foy muy querida, & estimada da Rainha D. Leonor, mulher del Rey D. Joaõ o Segundo”, p. 418. ² “He esta Cidade abundante de pão, azeite, excellente vinho de Peramanca, frutas, hortaliças, gado, & caça, com muitas colmeas montados, & se achão em leu território minas de prata, & pedrarias de mármore finíssimo...”, COSTA, Pe. Antonio Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL*, -2, p. 430.

A Noroeste, e distando “tres quartos de legoa desta Cidade”³ o monte de S. Bento albergou uma comunidade feminina eremítica, que cerca de 1169⁴ se terá fixado em casas anexas à ermida de S. Bento⁵. O rei D. Sancho I, por sugestão do abade do mosteiro cisterciense de Alcobaça, impôs que esta comunidade de mulheres “tomasse a regra de alguma religião, caso contrário seriam mandadas para suas casas”. Trata-se da fundação feminina mais antiga que se situa a sul do Tejo, mandada erigir por D. Urraca Ximenes⁶. A Ordem de Cister foi a escolhida, tendo-a integrado em 1274, ano em que a madre abadessa Domingas Soeira obteve do papa Gregório X autorização para incluir este cenóbio na regra e Ordem de Cister. À ermida inicial sucedeu-se, no ano de 1328, a atual igreja, passando com o decorrer do tempo a ser um mosteiro de grandes rendas, totalmente adaptado ao espírito cisterciense feminino vigente na época⁷.

Este complexo monástico, à semelhança de tantos outros que ficaram devolutos após a extinção das Ordens Religiosas, passou por vicissitudes várias ao longo do tempo e foi encerrado em 18 de abril de 1890, por falecimento da última monja⁸. Posteriormente foram instaladas neste antigo mosteiro (e sua cerca) a Estação Químico-Agrícola que deu lugar depois ao Campo Experimental da Circunscrição Agrícola do Sul. No âmbito das Comemorações Centenárias de Portugal foi prevista para este conjunto a utilização como Asilo Agrícola Distrital⁹. Mais tarde foi atribuído à Casa Pia. A tutela do antigo conjunto monástico passou para a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais que procedeu em 1937 à elaboração de um projeto pelo arquiteto Humberto Reis que tinha por objetivo reconstruir o edifício¹⁰, adaptando-o à instalação da Secção da Casa Pia masculina. Atualmente encontra-se devoluto, com obras de conservação.

³ COSTA, Pe. Antonio Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica...*, p. 423.

⁴ Que o Padre Manuel da Fonseca atribuiu a um milagre. FONSECA (Francisco da) *que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de JESUS ROMA. Na Officina Komarekiana. Anno MDCCXXVIII.* [1728]. “O Bispo D. Sueyro aos 21 de Março, dia consagrado ao glorioso S. Bento, vio, que delle havia huã formozza luz, e resplandecente chama, que com moderados voos feremontava a o Impirio, e julgando, que não podia hum prodigio taó insolito carecer de grandes myterios, se rezolveo a fundar naquelle sitio huã Ermida, em que S. Bento fosse venerado, e acomodando a caza em forma de Igreja, colocou nella a Imagem do Santo, que logo começou a florecer com muytos, e etupendos milagres”, p. 382.

⁵ Apenas três anos após a tomada da cidade aos muçulmanos, e num local onde teria existido uma antiga atalaia de vigia. Esta ainda existia à época da descrição: “...em ordem de guerra, & tomãraõ o caminho de Évora; & estando perto da Torre da Atalaya (que inda hoje existe junto da cerca do Mosteiro de S. Bento) “. Cf. COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA*, tomo II, p. 420.

⁶ Considerada como a primeira abadessa deste cenóbio. Cf. CONDE, Antónia Fialho, *Cister a Sul do Tejo: o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1576 1776)*, Lisboa: Edições Colibri, 2009, p. 48.

⁷ Os rendimentos do mosteiro permitiram sustentar mais de 140 monjas, o que, conjuntamente com o afastamento da urbe lhes permitiu uma liberdade de ação inusitada. Cf. FRANCO, Pe. António, Évora..., ob. cit., p. 312.

⁸ Sórora Maria Joana Isabel Batista, ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII (Concelho de Évora - volume I), Lisboa, 1966, p. 287.

⁹ Idem, p. 287.

¹⁰ Cf. Arquivo DGE MN – *Convento de S. Bento de Cástris, processo de obras*. Documento de 5 de fevereiro de 1944.

O mosteiro de S. Bento de Cástris, objeto do presente trabalho encontra-se classificado como Monumento Nacional (M.N.) desde 1922, integrando desde 1962 Zona Especial de Proteção (Z.E.P.)¹¹.

1.2. Crono-morfologia cartográfica e iconográfica da implantação do convento

A análise de elementos iconográficos e cartográficos permite obter uma visão cronológica da evolução das cidades, das suas malhas urbanas e dos seus edifícios, sendo um auxiliar precioso nestas análises.

No caso em estudo, a informação a que se teve acesso, não incide diretamente sobre o edifício porque este se situava a alguma distância da urbe. O poder então vigente tinha interesse apenas na representação da cidade e da sua envolvente.

Numa carta existente na Biblioteca Nacional de França e datada de 1667, Évora é representada na totalidade do seu sistema de fortificações. Nesta planta aguarelada é exequível reconhecer o traçado da arcaria do aqueduto entre o forte de Santo António e a cidade, a muralha exterior, assim como o fosso que a circundava, sem água, e a estrada que passava pelo mosteiro de S. Bento em direção a Arraiolos (Fig. 3).

A figura 4 representa um desenho aguarelado da cidade de Évora, da autoria de *Pier Maria*

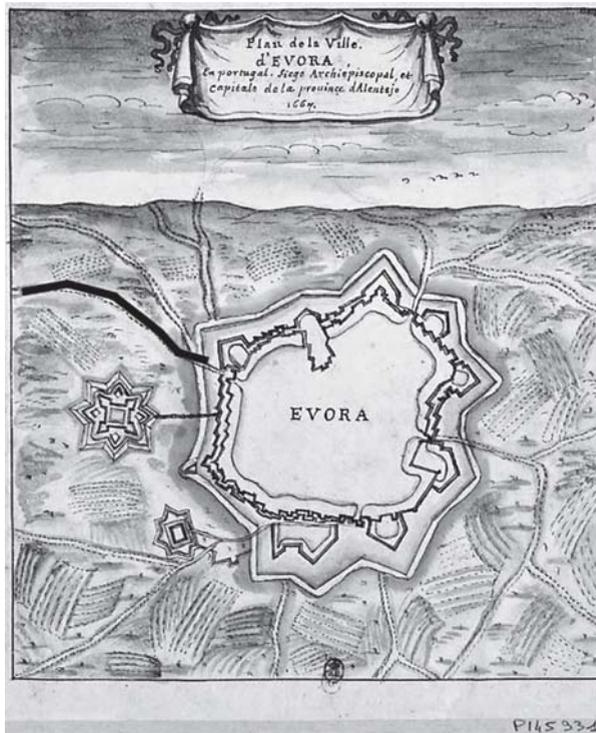


Fig. 3 – BOUDAN, Louis (?), *Plan de la Ville d'Évora en Portugal, Siege Archiépisopal, et Capitale de la province d'Alentejo 1667*. [fortificações, desenho aguarelado, sobre papel]. Fonte: BNF.

¹¹ Tomé, Miguel Jorge, “A INTERVENÇÃO DOS “MONUMENTOS NACIONAIS” NOS EXTINTOS MOSTEIROS DE AROUCA, LORVÃO E S. BENTO DE CÁSTRIS”, *Revista da Faculdade de Letras, CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO*, Porto, 2003, I Série, vol. 2, pp. 703-734. Na p. 708, encontram-se as razões da classificação do mosteiro: “S. Bento de Cástris foi classificado somente em julho de 1922, na sequência da ação de reconhecimento protagonizada pela associação de defesa do património “Grupo pró-Évora”. A zona de proteção aprovada tem parte dela vedada à construção, constituída por zona *non edificandi*.”

Baldi, executado a partir da quinta dos Meninos Órfãos no ano de 1669 e que se encontra depositado na Biblioteca Laurenciana de Florença. O panorama não chega a abranger o mosteiro de S. Bento de Cástris, no entanto, é um contributo valioso para a perceção da localização da cidade e arredores naquela época.



Fig. 4 – BALDI, Pier Maria, [Évora desenho aguarelado, sobre papel]. [Janeiro] 1669. Fonte: BLF.

Do cartógrafo *Lorenzo Possi* existem dois registos, em planta e vista perspetivada da cidade de Évora (Figs. 5 e 6), inseridas no atlas *Medici* de *Lorenzo Possi*, de 1687. Constituem um elemento de referência para entender que o desenvolvimento da cidade não extravasava o recinto amuralhado, e deste modo o mosteiro continuava a uma distância considerável da cidade, mantendo o espírito cisterciense de isolamento.

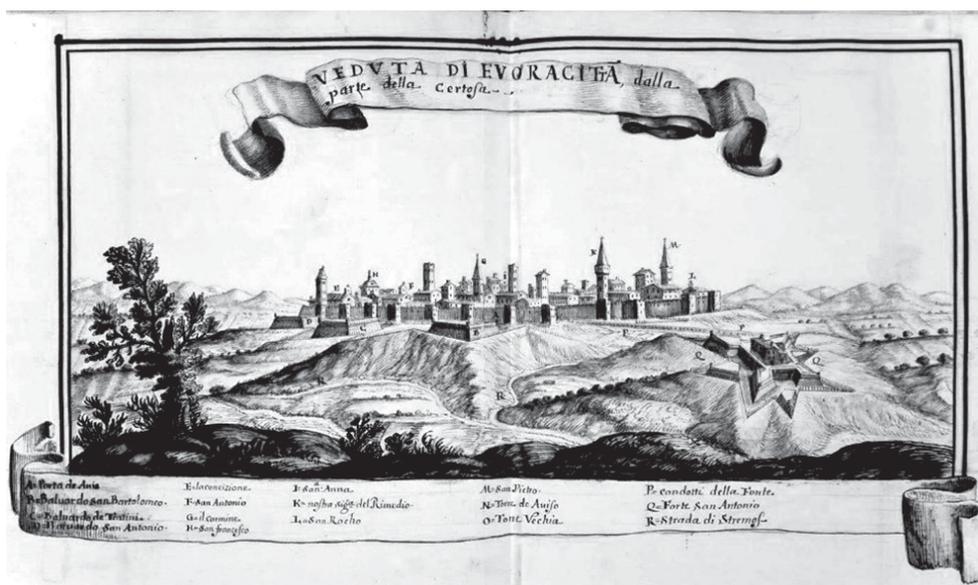


Fig. 5 – Representação perspetivada da cidade de Évora no *El atlas Medici* de *Lorenzo Possi* de 1687. Fonte: BF.

Em planta desenhada sem data precisa, entre 1750-1790 foi efetuado o primeiro levantamento parcial da cidade amuralhada de Évora e área envolvente. A planta executada com muito pormenor, não abrange o mosteiro de S. Bento, terminando a área representada com a implantação do convento de *Scala Coeli* (conhecido como o convento da Cartuxa). A qualidade e a precisão de tal documento gráfico possibilitam a obtenção de inúmeros elementos para a compreensão não só do espaço e sua modulação, mas também dos seus recursos naturais (Fig. 7).

Na gravura de *Van der AA*, podemos observar a cidade de Évora, tal como seria vista a partir de S. Bento de Cástris (Fig.8).

Nesta planta de 1808, de cariz eminentemente militar, está representada a edificação do mosteiro de S. Bento, associada a um pinheiro manso de grandes dimensões para auxiliar a identificação do local. O edifício e o pinheiro manso encontram-se referenciado nas descrições do mosteiro e, no lado oposto, a representação simbólica dos moinhos no alto de S. Bento.



Fig. 6 – Representação da planta da cidade de Évora em *El atlas Medici* de Lorenzo Poggi “*Piante d’Estremadura e di Catalogna*” de 1687. Fonte: BF.

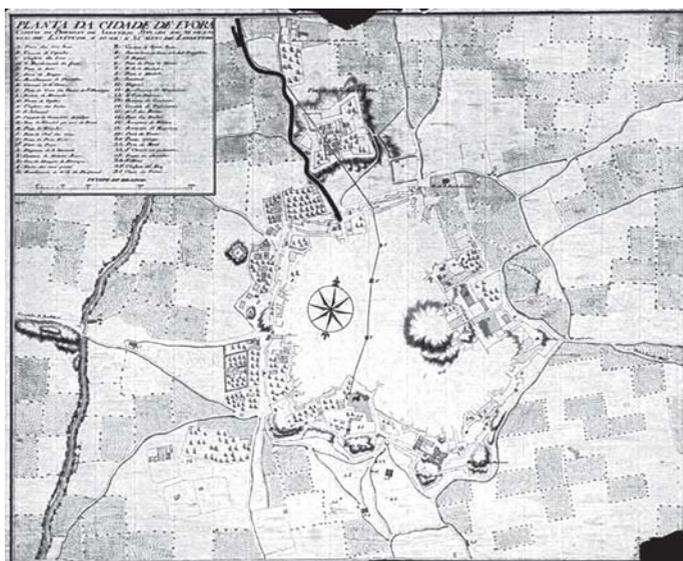


Fig.7 – Planta da cidade de Évora. [desenho tinta da china, aguarelado, sobre tela]. [entre 1750-1790 (?)]. Fonte: BNP.

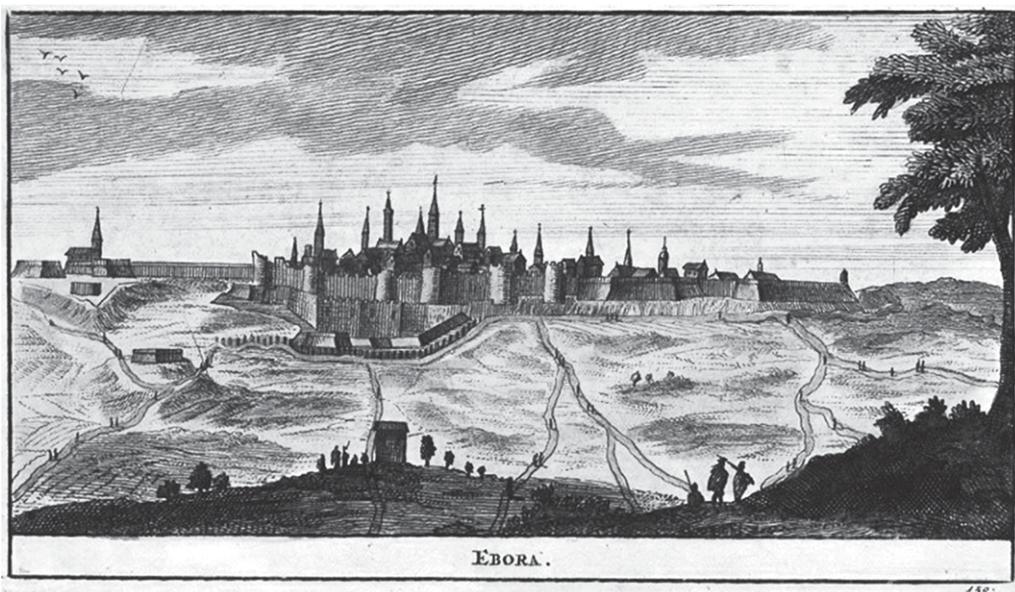


Fig. 8 – AA, Van der [cartografo]. Évora. [gravura sobre papel, dimensão da folha 9,2x15,5 cm]. Leiden: 1715. Fonte: coleção N. Conde.

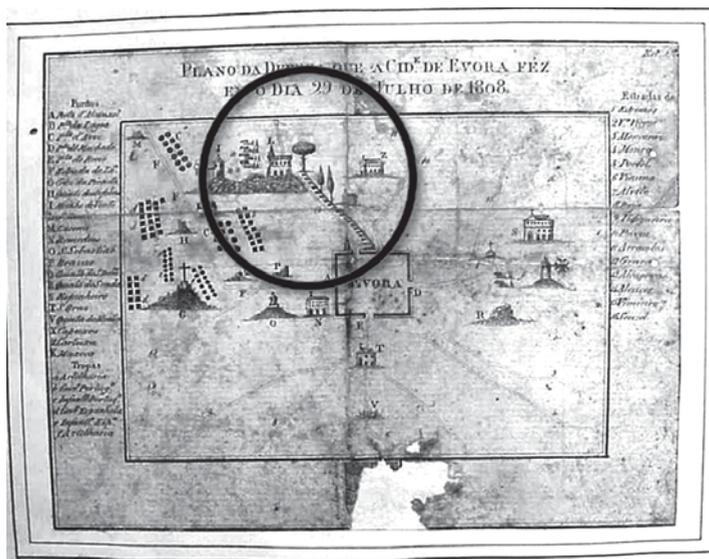


Fig. 9 – Plano de defesa da cidade de Évora, 1808. Fonte: BPE.

Na planta do Património Extramuros da Cidade, surgem representadas a vermelho as edificações já aprovadas, a cinzento-escuro, a construção existente, a verde a zona verde monumental, com o mosteiro de S. Bento de Cástris. Verifica-se a expan-

são da mancha urbana para oeste. A classificação de zona verde monumental, poderá salvaguardar o impedimento da evolução nesse sentido (Fig. 10).

Fig. 10 – O Plano de Urbanização de Évora integra entre outros elementos a Planta do Património Extramuros da cidade, que aparece nesta figura.
Fonte: CME.

1. 3. Breves notas sobre a arquitetura do Mosteiro de S. Bento de Cástris

Pode considerar-se que a géneses das plantas das abadias cistercienses derivam das plantas das primitivas abadias beneditinas de que a de *S. Gall* é um exemplo, no que respeita à distribuição dos espaços monásticos, que se adaptam às necessidades de uma comunidade fechada e autónoma. Na figura 11, com a

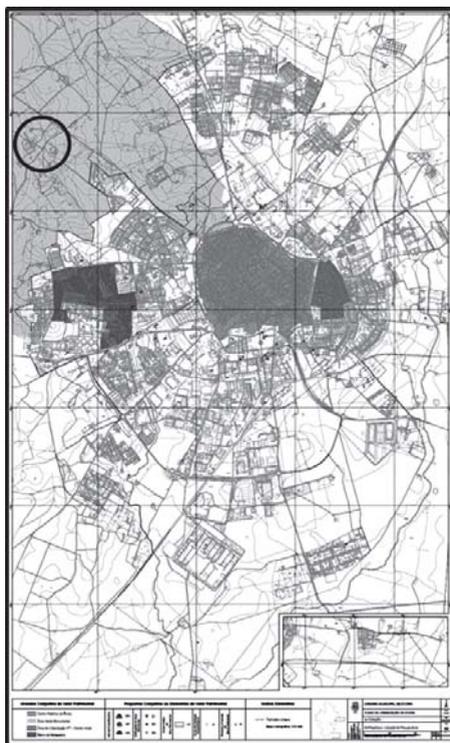


Fig. 11 – Planta de *Saint Gall*.
Codex Sangallensis. Fonte:
Stiftsbibliothek Sankt Gallen.



Fig. 12 – Mosteiro de *St. Gallen* na Suíça,
1596, publicado no século XIX. Fonte:
Alamy.

representação da planta de *S. Gall*, assinalam-se os espaços em torno dos quais se desenvolviam as outras dependências do mosteiro, cujo aspeto exterior seria o representado na figura 12. É provável que estes princípios arquitetónicos tivessem sido referência para a construção do mosteiro de S. Bento de Cástris.

O conjunto monástico de S. Bento de Cástris (Fig. 13) cuja construção inicial remonta ao século XII patenteia na volumetria diversificada do seu edificado, que mostra as variadíssimas intervenções de que foi objeto no decurso do seu longo percurso. A entrada no mosteiro é realizada por um portão rematado pelas armas da Ordem de Cister (Fig. 14) que conduz a um espaço designado como pátio da carruagem (Fig. 15)¹².



Fig. 13 – Vista global do mosteiro de S. Bento de Cástris. Fonte: acervo pessoal.



Fig. 14 – Brasão de armas que encima o portão de acesso.
Fonte: acervo pessoal.



Fig. 15– Vista do portão de acesso ao mosteiro.
Fonte: acervo pessoal.

¹² ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII (Concelho de Évora - volume I), Lisboa, 1966, p. 288.

Gênese da tipologia de distribuição de espaços em abadias femininas cistercienses.

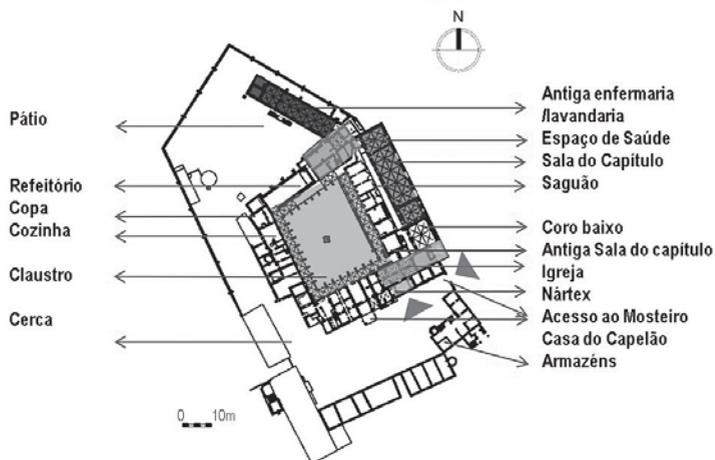


Fig. 16 – Planta do piso térreo do mosteiro.
 Fonte: planta desenhada por M. C. Tereno com base em *Monumentos.pt*.

O acesso ao conjunto edificado faz-se pela entrada que conduz à portaria, e esta para o espaço do claustro. Procurou mostrar-se na figura 16, uma planta tipo de uma abadia cisterciense feminina, com os principais espaços salientados a cor, a sua correspondência à planta do mosteiro de S. Bento de Cástris e a respetiva distribuição.

De planta trapezoidal, é composto por dois pisos e teve o seu início nos finais do século XV tendo sido terminado por Estêvão Lourenço em 1520. Na zona mais antiga do claustro, salienta-se uma galeria gótico-mudéjar com arcos geminados que se apoiam em colunas com capitéis ornamentados com motivos vegetalistas e antropomórficos. Mais tarde, em 1687, a estrutura do claustro foi consolidada, sendo concluídas as duas alas que se encontravam em falta. Também na mesma fachada da porta de entrada, se encontra o portal de acesso à igreja, lateralizado, tal como acontece nas das casas femininas da Ordem. Consagrada em 1328, apresenta planta em cruz latina e nave única, tendo sido alvo de grandes transformações no reinado de D. Manuel. Durante o século XVIII foi renovado o seu interior, com a construção do altar-mor em talha dourada, a inclusão de telas e painéis azulejares. Na ala norte, que corresponde ao antigo refeitório e rouparia, podem observar-se os vários pisos. Parte da antiga enfermaria remonta ao século XVI e é uma sala ampla repartida em nove tramos sustentados por colunas dóricas em granito onde se apoiam as abóbadas de nervuras. Em 1697, foi ampliada pela construção de um piso superior que tinha entrada pelos dormitórios comuns e por uma escada

exterior que comunica com o Pátio da Lavagem¹³. A ala nascente é ocupada no seu interior pela Sala do Capítulo e pela cabeceira da igreja, na zona mais à esquerda. A ala nascente apresenta dois corpos paralelos de épocas distintas, separados por um saguão. A parede exterior da primeira construção corresponderia à parede primitiva do mosteiro. Os novos dormitórios do mosteiro que se situam nesta ala por cima da Sala do Capítulo incluíam as instalações das noviças e professoras. A ala sul do claustro compreende o nártex, a igreja e o seu altar-mor, a portaria, a entrada e outras dependências pequenas. Na ala poente do claustro situam-se a zona do atual refeitório, a copa e a cozinha. Estas últimas mantiveram a localização prévia, mas o restante desta ala foi muito intervencionado. A Nordeste situa-se a antiga enfermaria/lavandaria. Na ala norte encontram-se o refeitório e algumas salas sem nada de assinalável, o conjunto destes espaços pode ser apreciado em pequenos apontamentos que constituem a figura 17.

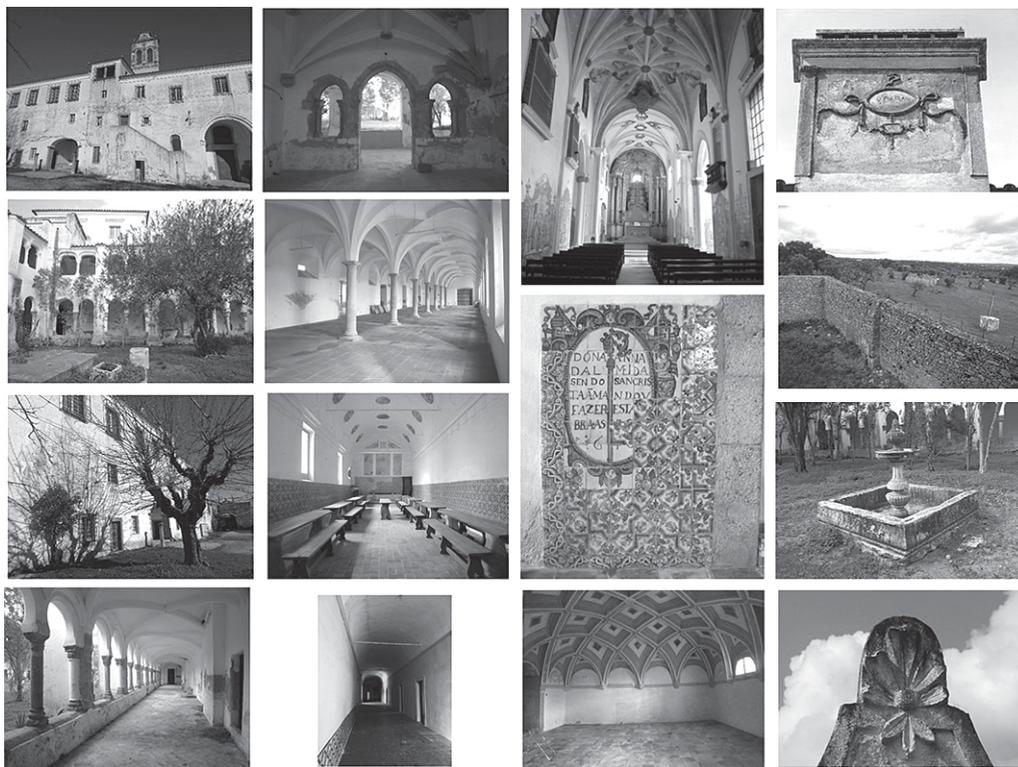


Fig. 17 – Diversos aspetos do mosteiro de S. Bento de Cástris. Fonte: acervo pessoal.

¹³ ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal*, ob. cit., p. 292.

2. S. Bernardo de Portalegre (Portalegre, 1518)

2.1. Breves notas históricas

As descrições existentes da cidade de Portalegre são muitas, mas o Pe. António Carvalho da Costa¹⁴, destaca sobre a região de Portalegre, o terreno acidentado, a existência de muitas fontes, de caudalosos rios, de denso arvoredo com árvores de fruto, a qualidade do azeite, e algumas indústrias existentes na região (Fig. 18). O autor ainda refere, a existência de outras casas religiosas¹⁵ em paralelo com o mosteiro em estudo. Entre 1531 e 33 ocorrem dois fatores de relevância para a história do mosteiro, a criação dos estatutos e a filiação ao Mosteiro de Claraval. Mais tarde, em 1572 advém a construção da cerca. A igreja foi consagrada em 1587, e no início do século seguinte,

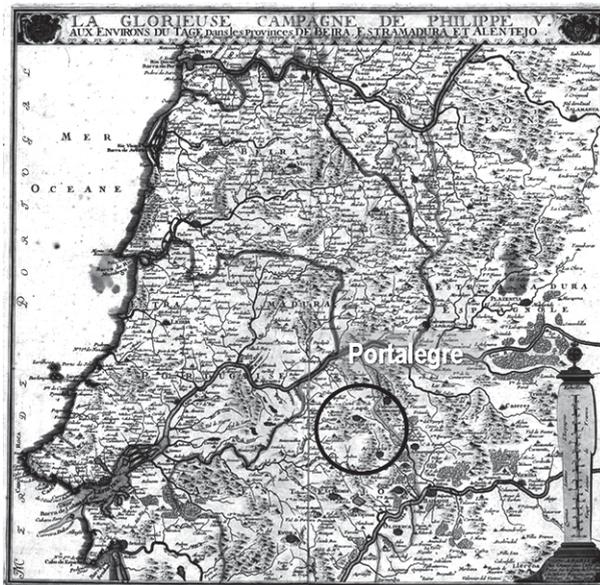


Fig. 18 – FER, Nicolas de, 1646-1720. *La glorieuse campagne de Pilippe V aux environs du Tage dans les provinces de Beira, Estremadura et Alentejo* (1704). Fonte: BNP.

numa nova campanha de obras, iniciou-se a construção da cerca nova abrangendo o dormitório novo localizado a norte e perpendicular aos claustros. O restauro do mosteiro ocorreu entre 1776 e 1777, período de regresso das monjas. A extinção o mosteiro foi em 1878, por falecimento da última residente, e no ano seguinte o antigo complexo monástico converteu-se em Seminário Diocesano. De 1880 a 1887, o mosteiro albergou o Li-

¹⁴ “A latitud de 39. grãos, e 12. minutos, & na longitudud de 13, grãos, 52. minutos, duas legoas distante da raya Castelhana, & nove da Cidade de Elvas para o Norte, tem sêu assento a de Portalegre, fundada no alto de hu monte, fresco, & delicioso sitio, a quem banhaõ as cristalinas águas de dez fontes, que despendendo as em perene curso, fazem parecer aquelle terreno mais vistoso.” In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL*, tomo 2, p. 555.

¹⁵ “Tem esta Cidade tres Conventos de Fradés, hum de S Francisco, outro dos Agostinhos Descalços, & o Collegio dos Padres da Cõpanhia, hú Mosteiro de Freyras Frãscisanas, & outro de Religiosas Bernardas fora dos muros à vista da Cidade, que fundou D. Jorge de Mello Bispo da Guarda, cuja Igreja he sagrada, como confia de hu letreiro, que se conserva à parte esquerda no arco da Capella mor[...]. Na Capella de N. Senhora da Conceição desta Igreja até o dito Bispo D. Jorge de Mello Seu enterro, hua das mais soberbas, e sumptuosas sepulturas que ha neste Reyno”. In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL*, tomo 2, p. 557.

ceu até 1911, quando passou para o Ministério do Exército, onde coexistem instituições militares e paramilitares, até à atualidade. A igreja abrigou o Museu Municipal de 1932 a 1961. Em 1910 o conjunto foi classificado como monumento nacional¹⁶.

2.2. Crono-morfologia cartográfica e iconográfica da implantação do mosteiro

Numa planta datada de cerca de 1680/90 (Fig. 19), está representada a cidade de Portalegre com particular incidência nas fortificações que defendem os arrabaldes situados a poente e sul. O mosteiro de S. Bernardo encontrava-se localizado em local elevado e naturalmente abrigado por uma encosta. A nascente situava-se uma torre defensiva¹⁷. Nesta carta observa-se que a igreja já se encontrava edificada, ladeada a nascente e poente por duas construções. O limite do conjunto está bem definido, salientando-se a diferenciação de duas cercas arborizadas. De referir o pátio do carro/carruagem e um espaço livre fronteiro à igreja.

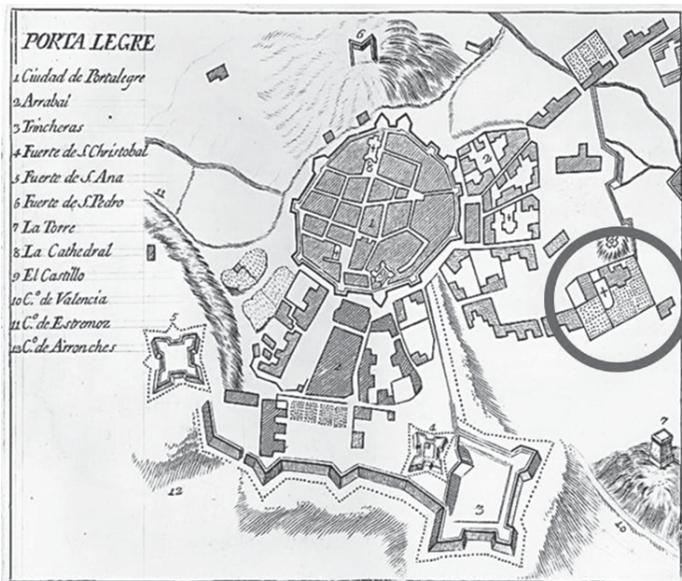


Fig. 19 – Praças-fortes em Portugal, [S.l.: s.n., entre 1680 e 1690?]. - [16], 14 gravuras em água-forte e buril, Fonte: BNP.

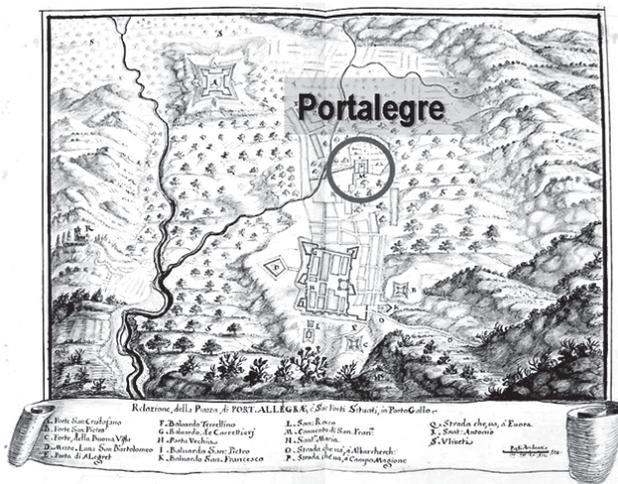
Na planta de 1687 de *Possi*¹⁸, o conjunto edificado está simbolicamente definido por um retângulo cujo interior tem a representação da igreja. A cerca apresenta uma configuração poligonal que se aproxima da forma atual (Fig. 20).

¹⁶ Decreto de 16-06-1910, DG, 1.ª série, n.º 136 de 23 junho 1910 (Igreja de São Bernardo e o túmulo de D. Jorge de Melo) / Decreto n.º 32 973, DG, 1.ª série n.º 175 de 18 agosto 1943 (os dois claustros do convento anexo à Igreja de São Bernardo) / ZEP, Portaria, DG, 2.ª série, n.º 117, de 18 maio 1957 (os dois claustros do convento anexo à Igreja de São Bernardo) / Incluído na Área Protegida da Serra de São Mamede.

¹⁷ Nome da Torre cuja atual designação é Atalaião.

¹⁸ *El Atlas Medici de Lorenzo Possi* “Piante d’Estremadura e di Catalogna” de 1687.

Fig. 20 – Representação da planta da cidade de Portalegre no *El atlas Medici de Lorenzo Possi “Piante d’Estremadura e di Catalogna”* de 1687.



Na planta de *Cliquet* (Fig. 21), surge a representação simbólica da cidade de Portalegre em 1704, com indicação da existência de igrejas, baluartes e casario.

Fig. 21 – Extrato de CLIQUET. *Le royaume de Portugal et partie D'Espagne tire d'Alphonso de a Costa et de Ferdyxera Geographe Portuguais. A Paris chez Chiquet rue St. Jaques a l'Image de St. Remy.* A cidade de Portalegre. Paris: 1704. Fonte: coleção N. Conde.



Num álbum desenhado por *George Cumberland*, durante as campanhas de *Wellington*, cerca de 1823 (Fig. 22), uma aguarela mostra o local de implantação do Mosteiro e sua área envolvente, que na época se encontrava livre de edificações.

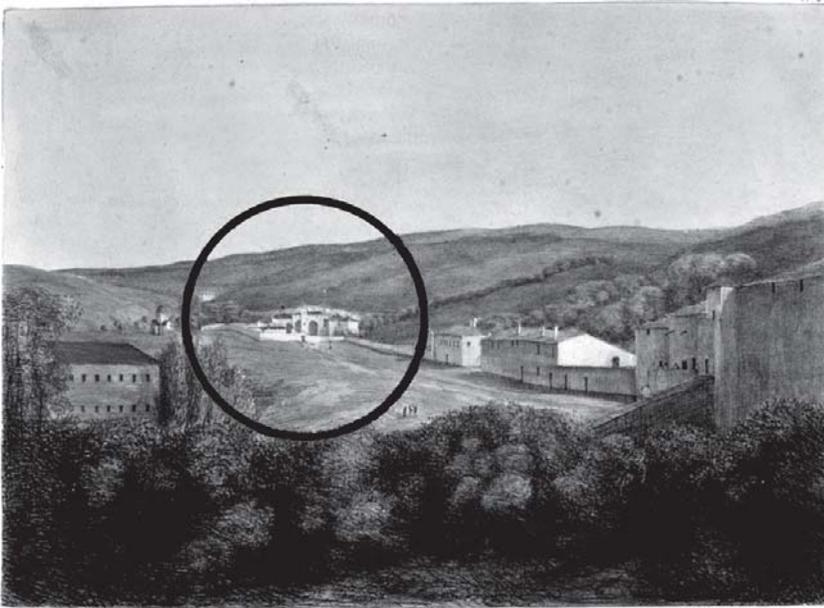


Fig. 22 – CUMBERLAND, George, *Views in Spain and Portugal* taking during the campaigns of his grace the Duke of Wellington / London: printed by William Nicol., 1823. Fonte: BNP.

Numa carta de 1801 (Fig. 23), a volumetria da planta do mosteiro é mais completa do que nas cartas anteriores, mostrando a evolução cronológica do mesmo.

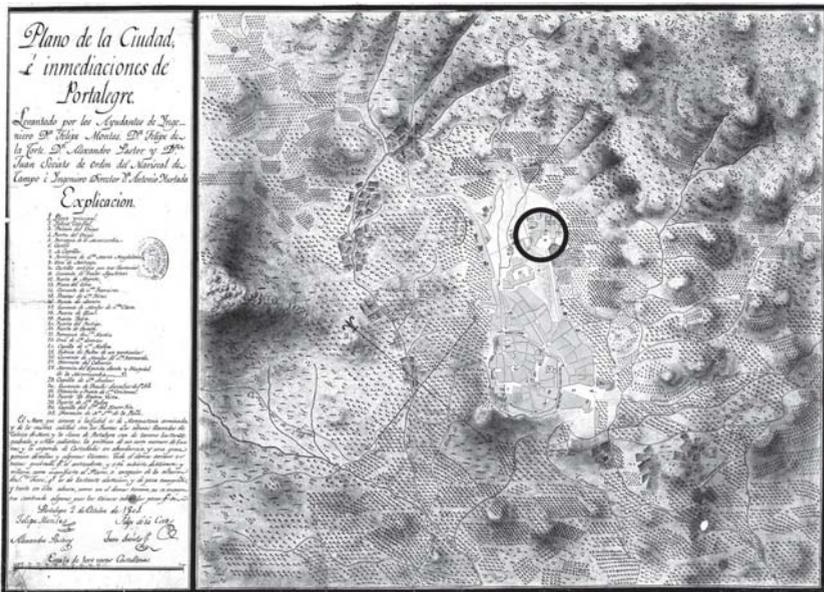
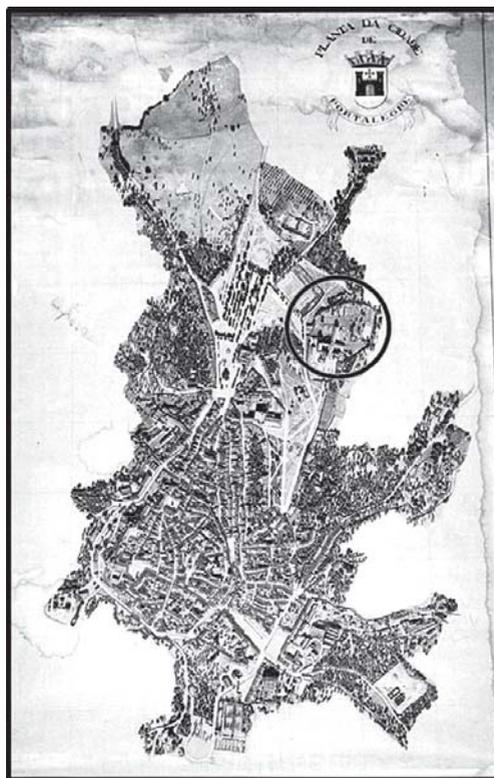


Fig. 23 – *Plano de la Ciudad e inmediaciones de Portalegre*. Levantado por los Ayudantes de Ingeniero D. Felipe Montes... 1801. Fonte: AHMM.

Numa planta da cidade de Portalegre elaborada em 1929 (Fig. 24), muito pormenorizada, observa-se o antigo conjunto monástico totalmente consolidado, com dois claustros, a cerca vedada, a exploração diversificada do terreno, com as circulações interiores, à data existentes. No que respeita ao espaço envolvente, verifica-se que, até essa data, a cidade se expandiu no sentido da união dos dois arrabaldes de génese medieva, continuando livres todos os espaços envolventes à recente cintura amuralhada.

Em carta de meados do século XX, a zona envolvente ao mosteiro continua com reduzido índice de ocupação, provavelmente devido à situação topográfica da implantação do mosteiro.

Fig. 24 – MELO, António Bacha e, *Planta da Cidade de Portalegre*. 1929. Fonte: A.D.P.



2.3. Breves notas sobre a arquitetura do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre

O Mosteiro de São Bernardo dedicado a Nossa Senhora da Conceição (Figs. 25 e 26), foi fundado em 1518 pelo bispo da Guarda, D. Jorge de Melo, com o objetivo albergar as monjas cistercienses. A planta do antigo complexo é definida pela igreja com a fachada principal orientada a sul, à qual se associa uma torre sineira.



Fig. 25 – Vista da fachada principal do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre. Fonte: acervo pessoal.



Fig. 26 – Vista do Brasão de Armas do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre.
Fonte: acervo pessoal.

Gênese da tipologia de distribuição de espaços em abadias femininas cistercienses.

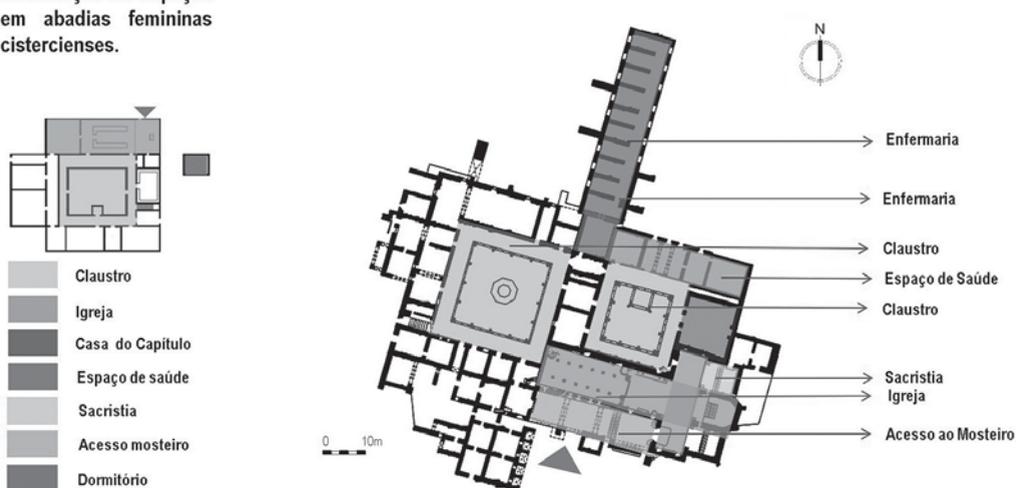


Fig. 27 – Planta do piso térreo do mosteiro. Fonte: planta desenhada por M. C. Tereno com base em Ana Tavares Martins.

Este mosteiro encontra-se delimitado pela cerca. No Tratado da Cidade de Portalegre (1619), D. Diogo SottoMayor citado por Francisco Gusmão¹⁹, menciona que D. Francisca da Silva foi responsável pela construção do dormitório novo. Algumas das dependências do mosteiro já se encontravam concluídas em 1531, das quais se salientam a igreja, a

¹⁹ “Diz Diogo Pereira Souttomaior no seu Tratado da cidade de Portalegre, que a senhora D. Francisca da Silva, primeira abbadessa triennial, fôra quem mandára edificar o dormitório novo. Succedeu esta abbadessa á segunda abbadessa perpetua, a sr. a D. Joanna de Mello, que falleceu a 19 de junho de 1587; corre, por conseguinte, aquella edificação entre 1587 e 1590”. GUSMÃO, Francisco Rodrigues de (1877-1879), *Memoria historica do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre. Boletim de Architectura e de Archeologia*. Lisboa. Série II. pp. 77-78.

sala do capítulo, o dormitório e o refeitório. À semelhança do estudo para o mosteiro de S. Bento de Cástris, procurou estabelecer-se uma comparação entre a planta tipo de uma abadia cisterciense feminina e o mosteiro de S. Bernardo de Portalegre (Fig. 27), para identificar a distribuição dos espaços. O conjunto é composto por dois claustros com dois pisos, em torno dos quais se dispõem os espaços regulares (Fig. 28). Na descrição de Francisco de Gusmão são referidas as diferenças que terão existido entre a primitiva edificação, menos sumptuosa do que a que descreveu na época²⁰. Descreve a planta da igreja cruciforme, com os seus altares laterais (incluindo o túmulo do Bispo D. Jorge de Melo), e os coros das monjas²¹.



Fig. 28 – Alguns aspetos do mosteiro de S. Bernardo de Portalegre. Fonte: acervo pessoal.

²⁰ “E, comquanto presente, ainda hoje, certo cunho de grandeza o conjuncto da edificação primitiva, não tem que ver, todavia, com a sumptuosidade do que, posteriormente, se lhe unira: o claustro, dormitório e refeitório novos são mais vastos do que os antigos”. Idem, pp. 77-78.

²¹ “O templo é de fôrma crucial, com Tres altares de frente e dois lateraes, se como tal considerarmos o tumulo do bispo, posto que n’elle se não possam celebrar os officios divinos. Idem, p. 108.

Refere ainda que da construção primitiva subsistiam as paredes, as abóbadas e o mausoléu, sendo toda a restante construção posterior²². Menciona também o revestimento a azulejo da igreja cerca de 1739, e a alteração do arco da capela-mor²³.

A volumetria do conjunto compõe-se de diversos corpos envolventes a dois claustros quadrangulares, de dois pisos, situados a nascente, o mais antigo (1518 -1533) com lavabo, também de planta quadrangular, e poente (terminado em 1547), pelos quais se distribuem as dependências regulares. Na figura 28 podem ser vistos alguns dos aspetos mencionados que respeitam ao mosteiro de S. Bernardo de Portalegre.

1. Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo (Lisboa, 1653)

3.1. Breves notas históricas

A génese da cidade de Lisboa remonta a épocas muito recuadas. Diversos foram os povos que ocuparam esta cidade ribeirinha deixando a marca da sua passagem, em muitos assentamentos cujos vestígios chegaram à atualidade. Muitas descrições têm sido realizadas, e salienta-se a do Padre António Carvalho Costa²⁴ que a refere como um local aprazível e com clima temperado. Descreve a cidade através das suas sete colinas e das freguesias que nelas se encontravam²⁵.

O Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo²⁶ (Abadia de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo / Convento das Bernardas do Mocambo / Real Mosteiro da

²² “Os braços da cruz estão desocupados; o direito dá acesso a quem entra no templo. Do primitivo restara apenas as paredes, a aboboda com suas laçarias, e o mausoléu de D. Jorge. De fabrica moderna, evidentemente, são as janellas, os retábulos da capella-mór e da capella fronteira ao tumulo do bispo”. Idem, p. 109.

²³ “Cremos que estas novas construcções se operaram em 1739, quando se cobriram de azulejos as paredes da egreja até á altura em que presentemente se acham cobertas. É provável que n’esse anuo se removesse do arco da capella-mór, onde se achava á parte esquerda, o mármore com a inscripção transcripta para o logar superior á pia de agua benta”. Idem, p. 109.

²⁴ “Está na latitude Boreal de 38. graos, 48, mantos, & na longitude de 12.graos, na parte mais Occidental de Espanha, & em tão dócil clima , que sem que a offendao os ardores do Estio, temperados com o vento Oeste que chamamos viração, com a vizinhança do mar, & com a frescura dos valles, nao padece excessiva calma; sendo o Inverno ainda menos rigoroso, porque o Sol com a sua presença, quasi sempre livre de nuvens,& névoas,& sem que nunca caia neve, o que se contará como prodígio; fica sendo o seu fértil terreno huma perpetua Primavera”. In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA...*, tomo terceiro, Lisboa, 1708, p. 339.

²⁵ “O quinto monte he o de S. Roque, que se começa a levantar defronte da porta do Ouro, & correndo junto do valle, que entre elle, &; o Castelo fica entreposto, ate dar em hum pequeno valle junto ao Mosteyro dito da Esperança, aonde dá fim a principal parte desta Cidade.” In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL ...*, tomo III, p. 341.

²⁶ É essa a opinião do Padre António Costa: “O Mosteyro de N. Senhora de Nazareth, de Religiosas Recoletas da Ordem de S. Bernardo, teve principio em hum Recolhimento de mulheres penitentes, que era de huma Maria da Cruz, e se começou a fundar no anno de 1653. Sendo Geral de Alcobaça o R. P. Fr. Geraldo Pestana.”. In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA PORTUGUEZA, E DESCRIPÇAM topográfica do famoso Reyno de PORTUGAL*, p. 518.

Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo) foi mandado erigir no antigo Bairro do Mocambo (atual Madragoa). Teve a sua génese entre 1653²⁷ e 1654 no Recolhimento de Santa Madalena, em cujas casas se acomodaram as irmãs. Nesse mesmo ano, três freiras do Convento de São Bento de Cástris de Évora chegaram a Lisboa para fundarem o mosteiro²⁸. A clausura do convento, dedicado à Virgem Nossa Senhora da Nazaré foi encerrada em janeiro de 1655²⁹, mas as obras no complexo monástico ocorreram durante o século XVII, sendo concluídas em 1708. Porque o espaço era relativamente reduzido tiveram as freiras do Mocambo³⁰ de solicitar ao rei, em 1670, a aquisição de uma travessa, de modo a poderem expandir as suas instalações³¹. A construção da igreja, foi financiada pela rainha D. Catarina de Bragança segundo projeto de João Antunes em 1655. No dia 1 de novembro de 1755, o mosteiro foi quase integralmente destruído pelo terramoto, e

²⁷ “Nossa Senhora da Nazareth, de religiosas recoletas da ordem de S. Bernardo, que teve principio em um recolhimento, e em 1654 por deligencias de fr. Vivaldo de Vasconcellos, do conv.º de S. João de Tarouca, da mesma ordem, se formou em mosteiro, e vieram para mestras e fundadoras três exemplares religiosas do mosteiro de S. Bento de Évora, também da mesma ordem de S. Bernardo. Este mosteiro foi ext.” depois de 1834 passando as poucas religiosas que ainda ali residiam a ser incorporadas no Real Mosteiro de S. Dionísio ou (S. Diniz) de Odivellas.” In *Chorographia Moderna do Reyno de Portugal*, BATISTA, João Maria, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1876, p. 605.

²⁸ “...para o qual vieraõ para Mestras, 8c Fundadoras deñ Religiofa Cafa a Madre Soror Antónia Moniz, para fer Abbadia, Soror Francisca de Vasconcellos, & Soror Maria de Almeida, suas irmãs, todas do Mosteyro de S. Bento d’Evora, para onde logo partio o dito P. Fr. Vivardo de Vasconcellos a conduzillas, donde veyo outra Religiosa chamada Igenes de Santa Maria, que se não foy a primeyra Abbadessa desta Casa, augmentou muyto a Recoleta com o seu exemplo, governo,& prudência”. In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA...*, p. 518.

²⁹ Na vigência da abadessa D. Antónia Moniz cujo nome em Cristo era Soror Antónia do Espírito Santo.

³⁰ “Consulta, da camara, a el-rei em 10 de junho de 1670 «Senhor – A abadessa e mais religiosas do convento de N.ª Snr.ª da Nazareth, das descalças do bem aventurado S. Bernardo, moradoras no bairro do Mocambo, fizeram petição a este senado, dizendo que a respeito do grande aperto em que vivem, lhes fora t necessário alargar mais aquella obra, e que, para se haver de continuar a da egreja, precisamente necessitam de uma travessa que fica n’este mesmo sitio, onde estão uns pardieiros que compraram para formar o pateo d’ella. Fazendo o senado vistoria e mandando medir pelo mestre das obras da cidade, se achou que a travessa tinha de comprido cento e quinze palmos e de largura vinte; entendendo o senado que não só se devia conceder ás supplicantes, pela necessidade que teem de alargar a egreja, mas que, além de não causar prejuízo algum ao publico, que fica sendo serventia por outra parte, seria mui conveniente, porque com isso se ficava evitando o servir de despejo a toda aquella vizinhança, com grande indecencia do serviço de Deus e do culto divino, em razão dos maus vapores que se communicam á egreja e a todo o convento; mas, porque a licença concedida não pôde ter logar sem a aprovação de V. Alteza, recorre o senado a dar conta do que tem procedido. V. Alteza mandará o que fôr mais conveniente.” In *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Eduardo Freire de Oliveira, Archivista DA Camara Municipal da Mesma Cidade, Typographia Universal, Lisboa, tomo VII, 1893, p. 216

³¹ Entre os anos de 1664 e 1699 as monjas bernardas realizaram diversas petições para que lhes fosse cedida uma travessa (com cento e quinze palmos de comprimento e vinte de largura) que ligava a presente Rua do Castelo Picão à Travessa das Freiras Bernardas, por forma a puderem terminar as obras no convento, por terem já adquirido edifícios nos quarteirões adjacentes. O pedido foi concedido, em princípio de setecentos e puderam terminar a obra.

Fig. 30 – Planta da cidade de L[isboa] em q se mostram os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as declarações postas em seu lugar. TINOCO, João Nunes, ca 1610-1689. Fonte: BNP.

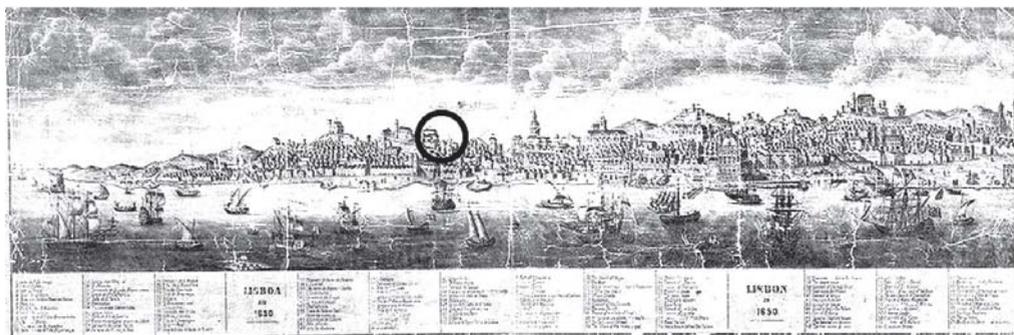
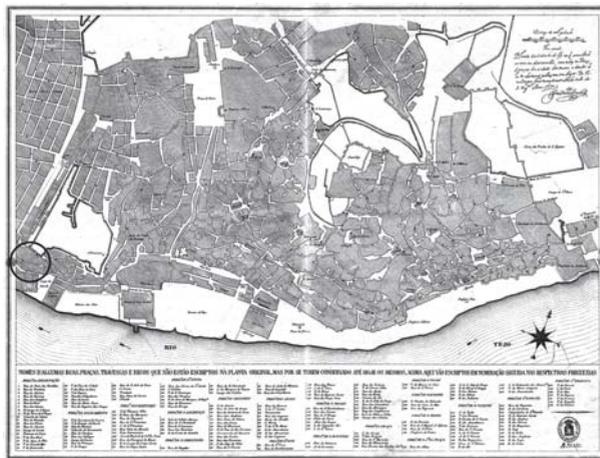


Fig. 31 – Lisboa em 1650. António Patrício Pinto Rodrigues (?), 1844. Fonte: BNP: <http://purl.pt/27017>.

No panorama elaborado por António Patrício Pinto Rodrigues (Fig. 31), de como seria a cidade de Lisboa cerca de 1650, nota-se a volumetria do edificado e a intensa atividade comercial inerente ao rio Tejo. O mosteiro situava-se muito próximo da frente ribeirinha, como se pode constatar na planta de José Monteiro Carvalho de 1756 (Fig. 32). Nesta planta, é patente a densificação urbana na área envolvente ao mosteiro, inclusive no que respeita ao quarteirão que o define.

Fig. 32 – Planta da Freguesia de Santos. CARVALHO, José Monteiro de, [Livro das plantas das freguesias de Lisboa], n.º 153, f. 34 (imagem 0034). Fonte: ANTT.





Fig. 33 – CAULA, Bernardo de, fl. 1763-1793, *Lisboa: vista e perspectiva da barra costa e cidade de Lisboa capitale do reino de Portugal, situada na borda do rio tejo em 38 graos 42 minutos e 50 segundos de latitude e em 8 graos 26 minutos e 15 segundos de longitude. Ainda que por causa do memoravel terremoto do 1o novembro 1755 esteja muito desfigurada da nobreza que teve e acabada de redificar não cederá à melhor da Europa / Bernardo de Caula p.ro tenente dartilharia do algarve. 1763.* Fonte: BNP.

A iconografia de Bernardo de *Caula* (Fig. 33), executada imediatamente após o sismo, mostra as zonas da cidade mais afetadas, e também é visível a localização do mosteiro do Mocambo. Trata-se de um documento notável a nível de pormenorização, permitindo ter uma visão muito próxima da realidade (Fig. 34).



Fig. 34 – Pormenor da vista de Lisboa, localização da freguesia de Santos onde se insere o Mosteiro do Mocambo, de Bernardo de Caula. Fonte: BNP.

Numa planta topográfica da cidade de Lisboa datada do 3.º quartel do séc. XVIII (Fig. 35), constata-se que a zona onde se inseria o mosteiro manteve a malha urbana primitiva anterior ao sismo de 1755, apesar de o edifício ter sofrido vultuosos danos.

Em amarelo encontram-se representadas as novas zonas a edificar, e a vermelho a malha pré-existente.

Fig. 35 – Planta topográfica da cidade de Lisboa datada do 3.º quartel do séc. XVIII. Fonte: CML/MC.



A carta topográfica elaborada por Duarte José Fava, de 1807, tem assinalados os conventos e mosteiros da cidade de Lisboa àquela data, e de que se salienta o Mosteiro do Mocambo (Figs. 36 e 37).

Fig. 36 – FAVA, Duarte José, [Carta Topográfica da cidade de Lisboa preparada em 1807]. Fonte: BNP.

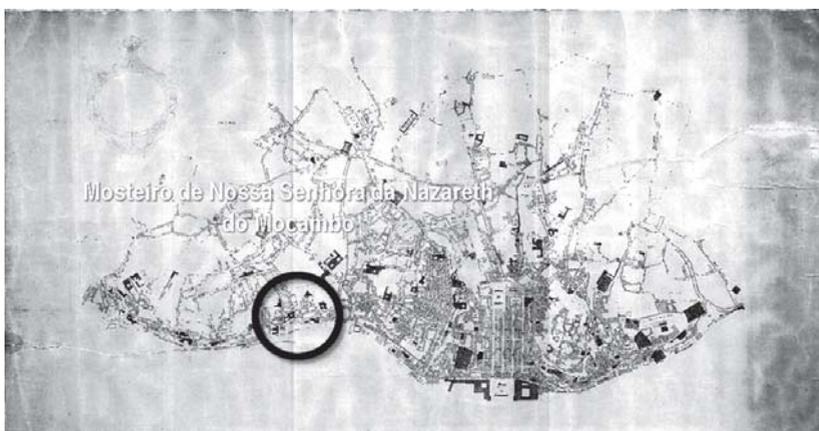
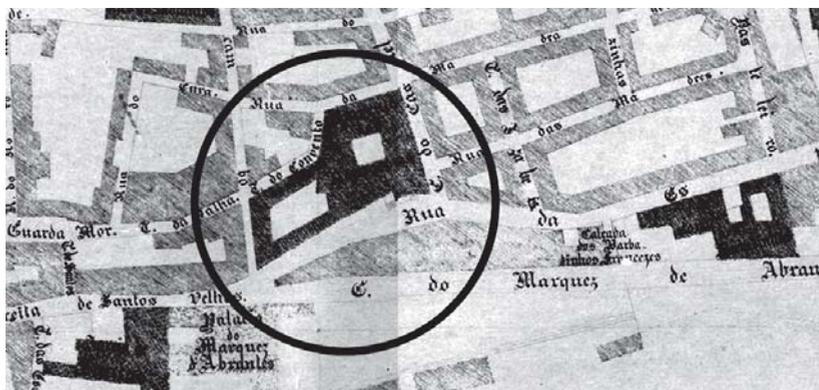


Fig. 37 – FAVA, Duarte José; - Pormenor da [Carta Topográfica da cidade de Lisboa preparada em 1807], com a localização do mosteiro. Fonte: BNP.



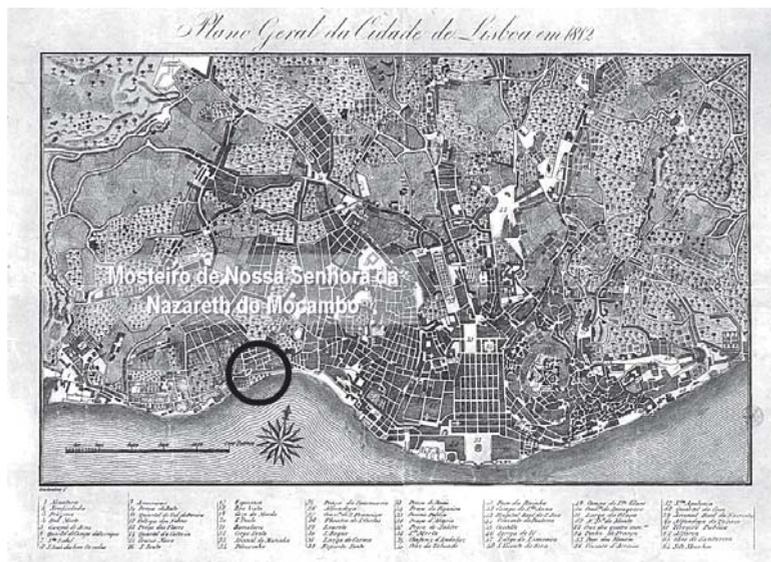


Fig. 38 – PLANO GERAL DA CIDADE DE LISBOA EM 1812 (ca. 1820). Constantino (1802-1874), grav. met. Fonte: BNP.

No Plano geral da cidade de Lisboa de 1812 (Fig. 38), pode observar-se para além da malha urbana e mancha edificatória bem definidas, os espaços livres/agrícolas, com a indicação das zonas arborizadas e dos espaços hortícolas.



Fig. 39 – CLARKE, W. B., fl. ca 1840. Lisboa. Henshall, J., fl. 1833, grav. met.; Society for the Diffusion of Useful Knowledge (London) 1826-ca 1848, ed. lit. Fonte: BNP.

Na planta de 1840 (Fig. 39), é representado o relevo e linhas de água principais, assim como as frentes de construção existentes. De realce a iconografia, na qual é representada uma vista geral da cidade que abrange a área onde se insere o mosteiro.



Fig. 40 – *Planta de Lisboa: com todos os melhoramentos feitos e projetados na cidade.* José Vicente de Freitas. 1967. Fonte: IGEO.

Na planta de Lisboa de 1967 (Fig. 40), verifica-se que os ambiciosos traçados viários da planta anterior se concretizaram de forma mais modesta, não tendo estes fatores interferido na malha urbana envolvente ao mosteiro.

3.3. Breves notas sobre a arquitetura do Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo

Na obra de LIMA (1850)³⁴, pode encontrar-se uma descrição muito detalhada da forma como se articulavam os espaços conventuais, existentes antes do terramoto de 1755. A reconstrução do mosteiro parece indicar que o projeto realizado baseou-se no projeto inicial. Encontra-se uma descrição pormenorizada da igreja: “...Pera chegar à

³⁴ LIMA, Durval Pires de, *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, fac-símile da ed. de 1850, 2 vols., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950-1972, pp. 447-449.

porta da igreja [...] se sobe [...] por uma escada de pedra muyto boa, e entrando pella porta da igreja se acham no corpo della tres capellas de cada parte, com seos retabolos dourados, de huma columna por banda, e a parede que fica entre capella e capella he revestida de um azolejo adamascado. E logo por cima dos arcos das capellas corre huma cimalha de marmore vermelho que corre toda a igreja à roda, até sambrar com o retabolo da capella mor. E por cima da ditta cimalha assenta hum andar de payneis quadrados, proporcionados à igreja, e entre elles tres janelas de cada parte, das quaes só as direyta dam luz à igreja, porque as da esquerda só servem de fazer apparente correspondência.”³⁵ E ainda uma referência à cobertura: “O tecto da capella he de abobeda, pintada com um brutesco ao moderno, de mininos, serafins e flores. No meyo se deyx a ver hum seistavado e dentro delle o anjo embayxador annunciando à Virgem o mystério da Encarnação”. Uma descrição da constituição do coro: “...Tem o primeyro lugar no edificio do mosteyro o coro, [...] com sincoenta e sete cadeyras lavradas com muyto primor, em madeira de angelim. O tecto he todo pintado muyto bem; há dentro delle duas capellas. Na que fica da parte do Evangelho logram as Religiosas deste mosteyro a consolaçam de lhe assistir o Divinissimo Sacramento, de que sam devotissimas, assim se esmeram no ornato e no asseyo da ditta capella. No outro lado, que he o da Epistola, corresponde à capella do Senhor outra em que inclui em si o Sanctuario, em que se veneram muytas e grandes reliquias bem ornadas. Alem das dittas duas capellas há mays no antecoro outra com grande asseyo, dedicada a Jesus Maria Joseph ...”. Numa outra descrição da igreja de 1712, a igreja é narrada como sendo de nave única, com a porta orientada a Sul e seis capelas laterais³⁶. Sobre a Sala do Capítulo: “... A casa do Capítulo sobre ser grande [...] com huma capella, grande obra de talha, com hum paynel muy devoto que representa o Senhor atado à columna. Tem uma imagem grande do Senhor Crucificado, obra de marfim, lavrado na India...”. A descrição dos outros espaços conventuais é bastante mais

³⁵ Uma descrição da decoração da capela-mor: “...Nos lados da capella mor há dous payneis de cada banda, fronteyros hum ao outro, com suas molduras de talha douradas, e no meyo dos payneis tem lugar huma janella de cada parte. O retabolo da capella mor he de duas collunas por banda, e entre ellas tem lugar a imagem de hum sancto. O retabolo he bem dourado e do mesmo modo a tribuna, com dous anjos que acompanham em cima a custodia...”. In LIMA, Durval Pires de, *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá noticia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capellas e irmandades desta cidade*, fac-símile da ed. de 1850, 2 vols., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950-1972, pp. 447-449.

³⁶ “...A sua Igreja he de hua só nave, com a porta para o Sul: tem além da Capella mor (aonde està o Santissimo Sacramento com a Imagem da Senhora de Nazareth, em sua tribuna dourada, & S. Bernardo da parte da Epistola, & da parte do Evangelho S. Bento) dous Altares collateraes, & seis Capella no corpo da Igreja j o Altar da parte da Epistola he de S. Gonçalo, 8c o outro da parte do Evangelho he de Santo Antonio. As outras Capellas faõ a do Euangelista S. Joaõ, a de Santa Anna com S. Joaquim, e N. Senhora, & a de S. Pedro com os Apostolos S. Simaõ, & Judas, todas da parte da Epistola; as outras tres da parte do Evangelho Jaõa do grande Bautista, a de Jesus, Maria, Joseph, & a de Santa Ignes, todas leis douradas com seus payneis em igual correspondencia, que fazem a Igreja muy alegre, & vistosa. Residem neste Mosteyro quarenta & sete Monjas, & seis Conversas...”. In COSTA, Pe. António Carvalho da, *COROGRAFIA...*, p. 519.

sucinta, referindo os seis dormitórios que são revestidos a azulejaria³⁷. Ainda continuando a descrição do mosteiro: Há no interior deste convento grande numero de capellas, porque em cada hum dos seys dormitorios tem huma capella muyto asseada. E no claustro que tem este mosteyro, que fica no meyo de quatro dormitorios, e no fim de cada lanço há huma capella e no meyo outra com que vem a ser todas oyto as capellas todas de Passos da Payxam, a que acrescentaram mays outra de Nossa Senhora da Soledade, com as imagens de Sancto Ignacio e Sam Francisco Xavier. E por cima dos quatro lanços do claustro correm quatro varandas, sobre as quaes caem as janellas das cellas das Religiosas, que tem a sua habitaçam nos quatro dormitórios... ”³⁸.

A planta do edifício circunscreve-se a um quadrilátero que envolve um claustro com cinco arcos por banda. Neste encontrava-se o acesso a duas cisternas, uma que se localizava centralmente e a outra num dos vértices do quadrilátero. Este claustro era inicialmente ajardinado, sendo, pois, o único espaço que permitia uma visão de elementos vegetais, já que, pela sua implantação urbana em espaço restrito, o mosteiro não dispunha de cerca.

Num painel de azulejo representando uma panorâmica da cidade de Lisboa vista do Tejo, realizado com muito detalhe³⁹, pode ver-se um troço referente à antiga zona do Mocambo (atual Madragoa) e a implantação do antigo Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo (Figs. 41 e 42).



Fig. 41 – Vista geral do Mocambo (troço do painel de azulejos com uma vista de Lisboa, de cerca de 1700, existente no Museu Nacional do Azulejo). Fonte: <http://lisboaemazulejo.fcsh.unl.pt/>.

³⁷ “... Consta o mosteyro de seys dormitorios com bastante grandesa, azolejado todo em bastante altura, e as cellas todas que há nos dittos dormitorios sam pera mayor assejo todas azolejadas à roda, couza que se nam acha em todas as cellas de convento algum de que tenhamos noticia...”. In LIMA, Durval Pires de, *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas...*, pp. 447-449.

³⁸ In LIMA, Durval Pires de, *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas...*, pp. 447-449.

³⁹ A existência de um painel de azulejos representando a cidade de Lisboa vista do Tejo, julga-se ser oriundo do palácio dito de Santiago, situava-se na freguesia homónima à Sé (Vieira da Silva, 1932).



Fig. 42 – Pormenor do painel panorâmico da cidade de Lisboa com a vista do Mosteiro do Mocambo.

De data posterior, cerca de 1834, numa obra de Luís Gonzaga (Fig. 43), encontramos um desenho do autor, com a representação da fachada do mosteiro.

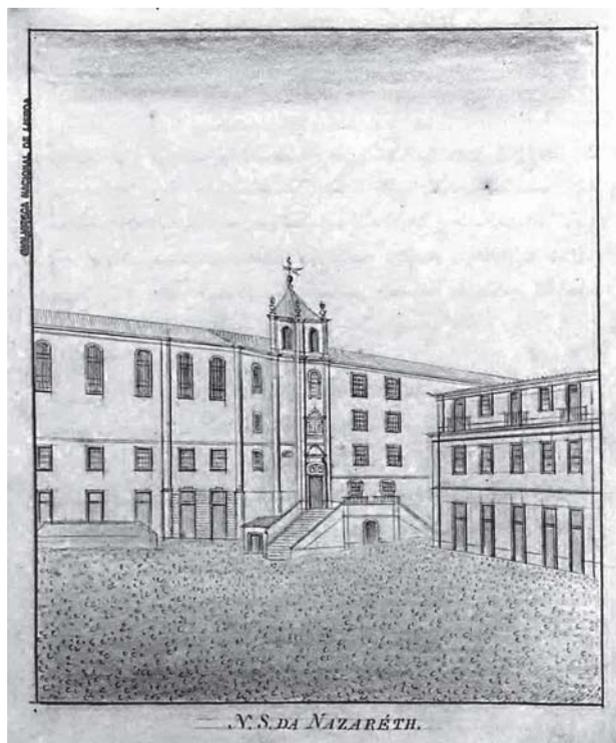


Fig. 43 – Desenho do Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo de Luís Gonzaga Pereira (1796-1868), in *Descrição dos monumentos sacros de Lisboa*, Luís Gonzaga Pereira Anno de 1840.

No Mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo, dadas as características específicas do edifício, bem como a inexistência de cerca, criaram uma concentração funcional dos espaços em torno do claustro. As últimas intervenções de que foi alvo, para ser convertido em espaços habitacionais, impedem atualmente a visão do que teria sido a distribuição de uma série de espaços monacais, tendo subsistido o claustro, a igreja e pouco mais que consiga identificar-se. Pode conjecturar-se que a zona mais plausível para a existência do espaço de saúde seria anexa à portaria do mosteiro, e funcionaria como um espaço quase autónomo.

À semelhança dos casos anteriores se podem observar na figura 44 a possível organização funcional do mosteiro e na figura 45 diversos aspetos do mesmo.

MORFO-EVOLUÇÃO DE MOSTEIROS CISTERCIENSES FEMININOS: TRÊS CASOS DE ESTUDO – LISBOA, ÉVORA E PORTALEGRE (PORTUGAL)

Gênese da tipologia de distribuição de espaços em abadias femininas cistercienses.

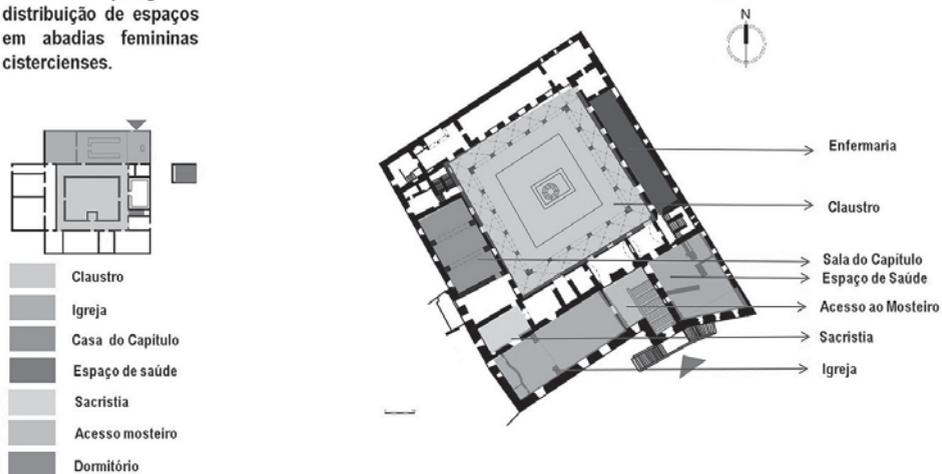


Fig. 44 – Planta do piso de acesso do mosteiro pela Rua da Esperança. Fonte: planta desenhada por M. C. Tereno com base em Ana Tavares Martins.



Fig. 45 – Conjunto de vistas do mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo. Fonte: acervo pessoal.

4. Considerações Finais

A diferenciação entre as três casas religiosas em estudo é nítida no que respeita à sua inserção no território:

– O Mosteiro de S. Bento de Cástris (1274), devido à distância entre a sua implantação e o núcleo urbano amuralhado de Évora, em nada contribuiu para a formação de tecido urbano, tendo-se mantido deste o seu início como um elemento isolado na paisagem.

– O Mosteiro de S. Bernardo (1518) situado numa área protegida no flanco norte pela encosta da Serra de S. Mamede, e não muito distante do núcleo amuralhado da cidade, não foi absorvido por este. Todavia, entre o mosteiro e a cidade ocorreu a constituição de malha urbana gerada por dois antigos arrabaldes que se foram progressivamente expandindo até se converterem numa única zona edificada, fazendo a articulação entre a zona amuralhada e o mosteiro.

– Nunca possuiu cerca: o mosteiro de Nossa Senhora da Nazareth do Mocambo (1653) esteve sempre delimitado ao próprio edifício, pelo que não existe qualquer evolução do tecido urbano desde o início da sua construção.

– Nos três casos, as datas de construção das casas religiosas, tiveram natural influência no desenvolvimento das malhas urbanas envolventes.

– Embora não tenham persistido áreas urbanas com topónimos relacionados com estes mosteiros, é de referir que no caso de Portalegre constituiu-se o Bairro do Atalaião tendo como génese a antiga atalaia representada na carta do século XVII (Fig. 19). Quanto a Évora, perdura o Bairro da Torralva, com idêntica génese na memória da atalaia, que em tempos aí existiu. De referir que em ambos os casos os mosteiros se situaram próximos de tais construções de vigia.

Bibliografia

Arquivo DGEMN – *Convento de S. Bento de Cástris, processo de obras*. Documento do 5 de fevereiro de 1944.

BATISTA, João Maria – *Chorographia Moderna do Reyno de Portugal, Typographia da Academia Real das Sciencias*, Lisboa, 1876.

BUCHO, Domingos de Almeida – *Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre: estudo histórico-arquitectónico propostas de recuperação e valorização do património edificado*. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, 1994 [policopiado].

CONDE, Antónia Fialho – *Cister a Sul do Tejo: o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1576-1776)*, Lisboa: Edições Colibri, 2009.

COSTA, Pe. Antonio Carvalho da – *Corografia Portuguesa, e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal. Com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varoens illuítres, genealogias das familias nobres, fundações de Conventos, Catálogos dos Bispos; antiguidades, maravilhas da natureza, edificios & outras curiosas observaçoens. TOMO SEGUNDO OFERECIDO AO SERENÍSSIMO REY DOM JOAM V*. Lisboa, 1708.

- COCHERIL, Dom Maur – *Routier abbayes cisterciennes du Portugal*, Paris, 1986.
- ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII (Concelho de Évora – volume I), Lisboa, 1966.
- FONSECA (Francisco da) que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de JESUS. Escrita, acrescentada, e amplificada pello P. Francisco da Fonseca da Mesma Companhia. DEDICADA Ao Eminentíssimo, e Reverendíssimo Senhor ÁLVARO DO TITULO DE S. BARTHOLOMEO IN INSULA CARDEAL CIENFUEGOS Comprotector da Germânia, Arcebispo, e Senhor de Moreal, Conselheyro de Estado de S. M. C. e C, e seo Plenipotenciário à Santa Sè Apostólica. ROMA. Na Officina Komarekiana. Anno MDCCXXVIII. [1728].
- FRANCO, Pe. António – *ÉVORA ILUSTRADA. Extraída da obra do mesmo nome do Padre Manuel Fialho*. Publicação, prefácio e índices de Armando Gusmão. Edições Nazareth. Évora. MCMXLV (1945).
- FIALHO, Pe. Manuel – *Évora Illustrada, com noticias antigas e modernas sagradas e profanas*, BDA.
- GUSMÃO, Francisco Rodrigues de (1877-1879) – *Boletim de architectura e de archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, Série II, Lisboa, 1880, pp. 56 -57, 77-78, 92-93, 108-109.
- LIMA, Durval Pires de – *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, fac-símile da ed. de 1850, 2 vols., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950-1972.
- MARTINS, Ana M. Tavares – *AS ARQUITECTURAS DE CISTER EM PORTUGAL. A ACTUALIDADE DAS SUAS REABILITAÇÕES E A SUA INSERÇÃO NO TERRITÓRIO*, Tese de Doutoramento, Sevilha, 2011.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a História do Município de Lisboa, Archivista DA Camara Municipal da Mesma Cidade*, Typographia Universal, Lisboa, Tomo VII, 1893.
- PEREIRA, Luís Gonzaga – *Descripção dos monumentos sacros de Lisboa, ou collecção de todos os conventos, mosteiros, e parochiaes no recinto da cidade de Lisboa*, MDCCCXXXIII (1883).
- KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal*, vol. I (Distrito de Portalegre), Lisboa, 1943.
- TOMÉ, Miguel Jorge – “A INTERVENÇÃO DOS “MONUMENTOS NACIONAIS” NOS EXTINTOS MOSTEIROS DE AROUCA, LORVÃO E S. BENTO DE CÁSTRIS”, in *Revista da Faculdade de Letras, CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO*, Porto, 2003, I Série vol. 2, pp. 703-734P.

ORGANIZAÇÃO



APOC
ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE CISTER



ALCOBAÇA
Dê lugar ao Amor

PATROCÍNIOS



APOIOS



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE
CISTER - ALCOBAÇA



Academia de Música
de Alcobaça



Escola Profissional de Agricultura
e Desenvolvimento Rural de Cister
ALCOBAÇA



ISBN 978-989-54473-8-1



9 789895 447381 >

Hora de ler